

DEBATE SOBRE PSICOFARMACOLOGIA: A MEDICAÇÃO DO SOFRIMENTO

DEBATE ON PSYCHOPHARMACOLOGY: THE MEDICALIZATION OF SUFFERIN

Álvaro Tadeu Dias Barcelos¹

Ângela Maria Queiroz²

Enzo Fernandes Gomes³

Gabriela Aparecida Assis Andrade⁴

Ingrid Faria Martins⁵

Luiza Dias Oliveira⁶

Maria Clara Silva Soares⁷

Maria Luiza de Oliveira Silva⁸

Pedro Henrique Martins⁹

RESUMO

O uso de medicamentos psicotrópicos tornou-se comum na vida moderna, oferecendo alívio para questões psicológicas e físicas ao influenciar o Sistema Nervoso Central, conforme definido pela OMS. A prevalência desses medicamentos entre jovens e adultos requer uma abordagem terapêutica cuidadosa, considerando diagnósticos, eficácia e efeitos adversos. É essencial refletir criticamente sobre o papel dos psicotrópicos e a comunicação entre Psicologia e Psiquiatria. Estes medicamentos, como ansiolíticos, antipsicóticos e antidepressivos, tratam diversos sintomas, mas seu uso excessivo pode levar ao abuso e sérios problemas de saúde. A demanda crescente por psicotrópicos destaca a necessidade de avaliar tratamentos e considerar alternativas que tratem as causas subjacentes dos problemas de saúde mental. Este projeto visa conscientizar sobre a medicalização excessiva e promover a importância das terapias alternativas e acompanhamento humanizado, utilizando pesquisa qualitativa e quantitativa entre alunos do ensino médio. A automedicação e a falta de orientação médica podem causar dependência e efeitos colaterais graves, ressaltando a necessidade de abordagens inclusivas e holísticas que considerem fatores sociais, culturais e psicológicos.

PALAVRAS CHAVE: psicotrópicos; medicalização; saúde mental; psicologia; dependência.

ABSTRACT

The use of psychotropic medications has become common in modern life, offering relief for psychological and physical issues by influencing the Central Nervous System, as defined by the WHO. The prevalence of these medications among young people and adults requires a careful therapeutic approach, considering diagnoses, efficacy, and adverse effects. It is essential to critically reflect on the role of psychotropics and the communication between

¹Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

²Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

³Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁴Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁵Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁶Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁷Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁸Graduanda no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

⁹Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

psychology and psychiatry. These medications, such as anxiolytic, antipsychotics, and antidepressants, are utilized to address various symptoms. However, excessive usage can result in abuse and serious health issues. The growing demand for psychotropics highlights the need to evaluate treatments and consider alternatives that address the underlying causes of mental health issues. This project aims to raise awareness about excessive medicalization and promote the importance of alternative therapies and humanized care by using qualitative and quantitative research among high school students. The aim is to raise awareness about excessive medicalization and promote the importance of alternative therapies and humanized care. Self-medication and the absence of medical guidance have the potential to lead to dependency and severe side effects, highlighting the significance of inclusive and holistic approaches that take into account social, cultural, and psychological factors.

KEYWORDS: elder psychotropics; medicalization; mental health; psychology; dependency.

1 INTRODUÇÃO

No turbilhão da vida moderna, o consumo de medicamentos psicotrópicos tornou-se uma prática comum e generalizada, surgindo como uma mão estendida, prometendo alívio para as dores da alma e do corpo. No entanto, por trás desse aparente conforto, escondem-se complexidades profundas que afetam diretamente a vida das pessoas. O termo "psicotrópico" é composto de duas outras palavras: psico e trópico. Psico, refere-se à dimensão psicológica de uma pessoa, enquanto trópico vem de tropismo, que é uma atração por algo. Então, as drogas psicotrópicas são uma atração para a mente, e as drogas psicotrópicas são aquelas que agem no cérebro, mudando a forma como você sente, pensa e muitas vezes age (DIAS 2011).

O uso de psicotrópicos, conforme definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), impacta significativamente o Sistema Nervoso Central, provocando alterações comportamentais, de humor, cognitivas e no estado mental. Este fenômeno, observado principalmente entre jovens e adultos, demanda uma abordagem terapêutica cuidadosa, considerando diagnósticos apropriados, efeitos adversos, eficácia desejada e a necessidade real, conforme destacado por diversos estudos.

Nesse contexto, surge a necessidade de uma reflexão crítica sobre o papel dos medicamentos psicotrópicos, bem como de uma comunicação mais efetiva entre as áreas da Psicologia e da Psiquiatria. As drogas psicotrópicas abrangem uma variedade de categorias, como narcóticos, ansiolíticos, hipnóticos, antipsicóticos, antidepressivos, antiepiléticos, estimulantes psicomotores, alucinógenos e analgésicos, cada uma com seus próprios efeitos e potenciais de abuso. Os medicamentos psicotrópicos são frequentemente utilizados para aliviar uma gama diversificada de sintomas, incluindo ansiedade, euforia, desinibição e distúrbios do sono.

A introdução de psicofármacos "eficazes" para tratar a angústia, depressão e fobias sociais marcou uma significativa mudança no tratamento de pacientes em sofrimento psíquico. No entanto, com o tempo, os psicofármacos também começaram a ser prescritos para aqueles que não se enquadravam em diagnósticos psiquiátricos específicos. Isso resultou em uma demanda crescente por essas drogas sempre que ocorriam mudanças negativas de humor (Birman, 2009). No entanto o alívio imediato proporcionado por essas substâncias pode levar ao abuso compulsivo, com consequências tanto físicas quanto psicológicas. O uso excessivo e abusivo de substâncias psicotrópicas é reconhecido como um grave problema de saúde pública, com danos significativos à saúde da população.

O uso de medicamentos psicotrópicos é uma resposta rápida e aparentemente eficaz para lidar com os sintomas decorrentes de estresses sociais e econômicos, como sobrecarga de trabalho, pressões financeiras e ansiedade resultante de uma sociedade cada vez mais exigente. Porém, é importante reconhecer que nem sempre a terapia medicamentosa é a melhor abordagem para tratar questões como ansiedade e insônia. Embora possam ser pouco faladas, mudanças no estilo de vida, como a prática regular de exercícios físicos, uma dieta equilibrada e técnicas de gerenciamento do estresse, podem ter um impacto significativo na saúde mental e no bem-estar geral.

Essas abordagens holísticas não apenas abordam os sintomas, mas também promovem uma melhoria gradual na qualidade de vida do indivíduo. A importância de promover e trabalhar essas outras metodologias, além da medicamentosa, na qual fala-se tanto de graus de dependência já foi discorrida, por exemplo, conforme CALLIGARIS (2021) "Nenhuma psicoterapia, seja ela qual for, deveria almejar a dependência do paciente.", demonstrando a importância de trabalharmos em prol da independência do sujeito.

Além disso, uma questão central que se coloca é: como determinar se o tratamento prescrito é verdadeiramente o mais adequado? A demanda crescente por prescrições controladas indica uma necessidade urgente de avaliar cuidadosamente os protocolos de tratamento e considerar alternativas terapêuticas que abordem não apenas os sintomas, mas também as causas subjacentes dos problemas de saúde mental.

Ao reunir informações, promover reflexões e fomentar o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, espera-se que este projeto possa contribuir para uma compreensão mais crítica e consciente do uso de medicamentos psicotrópicos na sociedade contemporânea. Somente através desse compromisso com a promoção do uso responsável de medicamentos psicotrópicos podemos mitigar os riscos associados ao seu uso indiscriminado e garantir que cada indivíduo receba o cuidado adequado e individualizado que merece.

2 OBJETIVO

O objetivo deste projeto busca pontuar como é necessário um questionamento crítico a respeito da medicalização excessiva como forma de medicar o sofrimento por viés mais práticos e instantâneos. De modo que, as pessoas percebam que há outros meios para tratar questões advindas do sofrimento psíquico, que não sejam necessariamente tratadas apenas com psicofármacos, mas juntamente com outras formas de terapias, tratamentos e acompanhamentos humanizados e promissores para a saúde daquele paciente.

Para tanto, visa-se todo cuidado e pesquisa sobre cada caso a ser tratado, de que modo começou, quais são os fatores que influenciam, como é a vivência, a realidade daquele paciente, colocando em pauta todo processo social, histórico e cultural presente. É importante que seja mostrado como a medicalização excessiva pode ser um fator prejudicial a longo prazo se todo cuidado necessário não for bem-feito e estruturado no diagnóstico daquele paciente. Podendo piorar casos que precisam de certos cuidados e acompanhamentos mais delicados não só com a questão da medicação.

Ademais, é eficaz explorar e retratar que há outros meios de tratamento nesses casos de pacientes que sofrem de algum transtorno e/ou sofrimento mental e que precisam de toda uma estrutura humanizada e acolhedora. É primordial levantar a questão do atendimento multiprofissional com políticas públicas que saibam lidar e ter organização para atender e acompanhar pacientes que estão precisando dos serviços de saúde mental.

Que tenha vários profissionais capacitados para lidar com as demandas, como psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, médicos, enfermeiros e demais profissionais da saúde que estejam preparados para acolher, ouvir e saber lidar com todo paciente. De forma que, as pessoas não precisem ser medicalizadas de forma banal e sem necessidade antes de passarem por todo acompanhamento em saúde mental, para que não haja o abuso e a romantização de medicalização.

Para tanto, faz-se necessário abrir diálogos e demonstrar como o uso excessivo de psicofármacos pode ser prejudicial ao bem-estar daquele paciente, que precisa, primordialmente, de ser ouvido e acompanhado de vários meios. Promovendo um levantamento da importância da abordagem mais humanizada e integrativa em ambientes que atendem pacientes da saúde mental, que lidam com fatores múltiplos e que devem ser trabalhados e avaliados da melhor assistência e desenvolvimento.

3 JUSTIFICATIVA

A justificativa para a realização deste projeto é fundamentada na crescente preocupação em relação ao uso indiscriminado e muitas vezes inadequado de medicamentos psicotrópicos na sociedade contemporânea. A expansão dos diagnósticos psiquiátricos associados à indústria farmacêutica são dois grandes marcos na construção desta biopolítica dos sofrimentos. A psiquiatria contemporânea – marcada pelo encontro com a neurociência e com a bioquímica – forneceu, de um lado, o discurso médico capaz de traduzir sofrimentos cotidianos em patologias e, do outro, a indústria de psicofármacos passou a exercer um papel de produção e controle de medicamentos capazes de atuar sobre o sofrimento humano em sua estrutura biológica – com sua atuação na população e no corpo - agindo na regulamentação e normatização da vida e das condutas (Ferreira e Miranda, 2011 Caponi, 2012).

A medicalização excessiva de problemas psicológicos e emocionais tem se tornado uma prática comum, refletindo não apenas uma abordagem simplista dos transtornos mentais, mas também influenciando diretamente a forma como percebemos e lidamos com questões relacionadas à saúde mental. Torna-se num círculo vicioso. Medicaliza-se com antibióticos, analgésicos, suplementos vitamínicos, ansiolíticos, antidepressivos, anti-hipertensivos e por toda e qualquer classe terapêutica. Medicaliza-se crianças, jovens, adultos, idosos. Medicaliza-se as dores físicas e as da alma, as doenças infecciosas e as crônico-degenerativas, a insônia, o mal-estar social, o vazio físico e psíquico (FOULCAULT, 1998; GUARIDO, 2007; ZORZANELLI, CRUZ, 2018).

Pesquisas recentes têm apontado para um aumento significativo na prescrição de medicamentos psicotrópicos, muitas vezes sem uma avaliação completa do quadro clínico do paciente ou consideração dos potenciais efeitos adversos. Por exemplo, nos países ocidentais, em média, cada clínico teria por volta de 50 pacientes dependentes de benzodiazepínicos (BZD), e destes, 50% desejam descontinuar o uso e 30% acreditam que os médicos chegam inclusive a estimular o uso da medicação (AZEVEDO et al., 2016), um destaque sobre a necessidade urgente de uma abordagem mais criteriosa e consciente no uso dessas substâncias.

Além disso, a falta de comunicação efetiva entre os profissionais da Psicologia e da Psiquiatria tem contribuído para uma fragmentação no tratamento dos transtornos mentais, dificultando uma abordagem integrada e holística da saúde mental. CALLIGARIS (2021) destaca, por exemplo, a importância do trabalho multiprofissional, para não negligenciar aspectos fundamentais do bem-estar psicológico do paciente:

É também indispensável que um psicoterapeuta tenha um conhecimento dos princípios ativos dos remédios psicotrópicos mais comuns, pois, embora ele não prescreva, lidará, em muitas ocasiões, com pacientes que precisam de medicação ou já estão sendo medicados. É importante poder colaborar com o psiquiatra que prescreverá, assim como é importante distinguir duto medicamentoso das mudanças que nada têm a ver com esse efeito (CALLIGARIS, 2021, p. 103-104).

Diante desse cenário, torna-se essencial promover uma reflexão crítica sobre o uso de medicamentos psicotrópicos e fomentar uma maior comunicação e colaboração entre os profissionais de saúde mental. O cuidado em saúde mental deveria ser aliado a acompanhamento psicossocial, grupo de familiares, atenção multiprofissional e outras formas de terapia que envolvam cuidado qualificado, integral e de acordo com a necessidade de cada indivíduo, que deveriam ser disponibilizadas no serviço público de saúde e estimulada sua adesão (XAVIER, 2014; ZANELLA, 2016).

Concordamos que "medicalização" envolve atribuir comportamentos desviantes como transtornos médicos. Investigar por que o sofrimento contemporâneo se tornou patológico e por que a abordagem bioquímica é preferida é essencial. O sofrimento agora é percebido como um obstáculo para a racionalidade, associado à necessidade de controle em prol de uma ideologia de sucesso. As instituições transformam o sofrimento em patologia e normalizam seu tratamento medicamentoso.

Este projeto visa conscientizar e promover mudanças na prática clínica e na abordagem da saúde mental, reconhecendo a complexidade das experiências individuais e questionando a predominância da medicalização. É fundamental resgatar uma visão holística do sofrimento, considerando fatores sociais, culturais e psicológicos, para oferecer intervenções terapêuticas mais abrangentes e humanizadas, que valorizem a autonomia e a diversidade de trajetórias individuais em busca do bem-estar mental.

4 METODOLOGIA

Este projeto adotará uma abordagem mista, combinando elementos qualitativos e quantitativos. A pesquisa qualitativa será empregada com o objetivo de arrecadar informações sobre o nível de conhecimento dos alunos do ensino médio acerca da medicalização do sofrimento. Para isso, serão realizadas entrevistas semiestruturadas e grupos focais, onde os alunos poderão expressar suas percepções e experiências de forma mais profunda e contextualizada. A pesquisa quantitativa, por outro lado, será usada para coletar dados

numéricos que permitirão uma análise estatística das amostras obtidas. Uma abordagem mista é eficaz para explorar a complexidade dos fenômenos sociais, permitindo uma compreensão mais completa através da integração de dados qualitativos e quantitativos.

A realização de uma ação social fora da instituição da Faculdade de Pará de Minas (FAPAM) objetiva ampliar o alcance do tema da medicalização do sofrimento para além do meio acadêmico, envolvendo ativamente a sociedade. Espera-se obter dados que revelem o nível de entendimento dos alunos sobre a medicalização, suas atitudes em relação ao uso de medicamentos psicotrópicos, e as alternativas terapêuticas que conhecem e consideram eficazes. Este enfoque é crucial, pois já foram destacadas as implicações da medicalização na sociedade contemporânea, alertando para a tendência de transformar questões sociais e emocionais em problemas médicos.

Para coletar dados quantitativos, utilizaremos um questionário estruturado, que será aplicado a uma amostra de alunos. O questionário conterá sete perguntas de múltipla escolha, focadas em aspectos-chave relacionados à medicalização do sofrimento, como conhecimentos gerais, experiências pessoais e percepções sobre o uso de medicamentos. Além disso, uma ferramenta interativa, o Kahoot, será utilizada para engajar os alunos de maneira lúdica. O Kahoot apresentará seis perguntas básicas sobre a medicalização do sofrimento, incentivando a participação ativa e imediata dos alunos. Essa combinação de métodos permitirá uma análise mais aprofundada dos resultados e uma fundamentação teórica robusta para o projeto.

O público-alvo deste estudo será composto por alunos do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio da Escola SESI de Pará de Minas, MG. A amostra será selecionada de forma intencional, visando recolher uma diversidade de perspectivas e experiências dos adolescentes com a medicalização do sofrimento. A escolha dessa amostra é estratégica, pois, uma amostragem intencional permite focar em grupos específicos que são mais representativos do fenômeno estudado.

Os dados quantitativos coletados serão analisados utilizando técnicas estatísticas descritivas e inferenciais para identificar padrões e correlações nos dados. Os dados qualitativos, por sua vez, serão analisados por meio de análise de conteúdo, identificando temas e padrões emergentes nas respostas dos participantes. A triangulação dos dados, que envolve a combinação de múltiplas fontes de dados e métodos analíticos, será realizada para obter uma compreensão mais abrangente do fenômeno estudado. Essa abordagem permitirá validar os achados e proporcionar uma visão mais holística sobre a medicalização do sofrimento entre os adolescentes.

5 DESENVOLVIMENTO

5.1 Efeitos dos medicamentos psicotrópicos no sistema nervoso central

O funcionamento do Sistema Nervoso Central (SNC) é crucial para compreendermos o impacto das drogas psicotrópicas. Quando um estímulo é recebido pelos órgãos sensoriais, o SNC processa, interpreta e armazena essa informação em milésimos de segundos, influenciando aspectos como emoções e comportamento.

As drogas psicotrópicas interferem nesse sistema ao alterarem as comunicações entre os neurônios, resultando em uma variedade de efeitos, dependendo do tipo de neurotransmissor envolvido e do modo de ação da droga. Elas podem provocar desde euforia até ansiedade, sonolência, alucinações e delírios.

Existem diversas classificações para essas drogas, sendo adotada aqui a de Chaloult, que divide as drogas em depressoras, estimulantes e perturbadoras da atividade do SNC. As depressoras diminuem a atividade cerebral, causando sonolência e lentidão, enquanto as estimulantes aumentam a atividade cerebral, resultando em vigília prolongada e nervosismo. Já as perturbadoras produzem alterações mentais, como delírios e alucinações, mimetizando psicoses.

O uso indiscriminado dessas substâncias, incluindo medicamentos psicotrópicos, tem se tornado comum, muitas vezes devido à automedicação e à falta de orientação médica. Isso pode acarretar sérios riscos à saúde, incluindo dependência física e psicológica, além de efeitos colaterais prejudiciais, como comprometimento da memória e demência a longo prazo.

Além disso, o uso repetido pode levar à dependência, resultando em sintomas de abstinência quando a substância não está presente no organismo. Em última análise, essas drogas não apenas afetam a neurotransmissão e o comportamento, mas também podem levar à morte celular e degeneração cerebral.

Em suma, o impacto das drogas psicotrópicas vai além dos danos à saúde física, afetando profundamente a vida social, familiar, emocional e psicológica do indivíduo.

5.2 Impacto dos medicamentos psicotrópicos na saúde mental e no bem-estar emocional

Os medicamentos psicotrópicos apresentam resultados significativos em seu uso em prol da saúde mental e no bem-estar emocional dos pacientes. A sua prescrição deve ser acompanhada adequadamente e monitorada por um profissional de saúde mental, adequando-se

em cada caso para se ter uma boa evolução. Receitados adequadamente esses medicamentos ajudam a estabilizar o humor, reduzir os sintomas e melhorar a qualidade de vida do paciente.

É fundamental que tenha um diálogo aberto entre o profissional e o paciente a respeito de suas queixas e sintomas para que o tratamento seja eficaz e pertinente para melhoria da saúde mental e bem-estar emocional do paciente. O acompanhamento psiquiátrico e psicológico em conjunto é necessário para acompanhar a evolução do paciente, que precisa de todo cuidado e instrução correta na maneira de lidar com suas questões de saúde mental.

Dessa forma, o uso de medicamentos psicotrópicos contribui para a redução dos sintomas de transtornos mentais como: depressão, ansiedade, esquizofrenia, transtorno bipolar e outras condições psicopatológicas que são presentes na vida cotidiana das pessoas e que dificultam a maneira de lidar com os desafios do dia a dia e afetam sua qualidade de vida. Ademais, o uso de medicamentos ajuda a prevenir variações bruscas no humor do paciente promovendo uma estabilidade emocional mais consistente e que não afete nas relações sociais.

Outro impacto importante é a melhoria da qualidade de vida, tanto pessoal quanto social permitindo que o usuário desfrute de relacionamentos mais saudáveis, melhor rendimento no trabalho, na escola e que possa fazer atividades que lhes tragam alegria e satisfação no meio que estão inseridos, aumentando sua capacidade de concentração, organização, independência e controle sobre suas escolhas e entendimento do seu ser.

Para isso, é necessário que todo o acompanhamento seja feito por profissionais capacitados da saúde e em particular, da saúde mental, como: psicólogos, psiquiatras, enfermeiras e farmacêuticos que possuem uma base técnica de acolhimento e acompanhamento para cada paciente em busca do bem-estar emocional e que precisam de cuidado e atenção a respeito de sua demanda. Como resultado, a prescrição de medicamentos psicotrópicos concomitante ao acompanhamento psicológico é primordial para a promoção de saúde mental e melhoria social.

5.3 Medicalização da vida cotidiana e suas implicações

A crescente medicalização do sofrimento na sociedade contemporânea transforma questões sociais, comportamentais e emocionais em problemas médicos tratáveis com medicação, resultando em diagnósticos mais frequentes de condições como depressão e ansiedade, e conseqüentemente, maior prescrição de medicamentos. Influenciada por fatores como pressão social, expectativas culturais e interesses da indústria farmacêutica, essa tendência tem implicações profundas na vida cotidiana, aumentando a dependência de

medicamentos e os custos de saúde.

Críticos apontam para a perda de autonomia individual e a falta de abordagens alternativas, enquanto alguns autores destacam a ampliação do poder médico sobre diversas áreas da vida. A desmedicalização, por sua vez, busca desafiar o controle médico e redefinir questões sob uma perspectiva menos medicalizada, oferecendo uma abordagem mais sensível e personalizada para questões de saúde mental e bem-estar.

5.4 Perspectiva da psiquiatria sobre o uso de medicamentos psicotrópicos

A questão da medicalização, além de ser uma preocupação em termos de saúde pública, também envolve o uso indiscriminado e irracional de medicamentos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil está entre os maiores consumidores de medicamentos do mundo. Na saúde mental, esse fenômeno é ainda mais relevante, pois reflete uma disputa entre modelos de cuidados, onde a abordagem psiquiátrica tradicional exerce forte influência.

A medicalização, baseada na racionalidade biomédica, é um fenômeno social persistente, mesmo após mudanças como a Reforma Psiquiátrica Brasileira. Um estudo realizado em um serviço de saúde mental público revelou que a grande maioria dos pacientes foi encaminhada para consulta psiquiátrica e recebeu prescrição de medicamentos, muitas vezes sem um diagnóstico claro.

A distribuição aumentada de psicotrópicos para a população de baixa renda, em meio a cortes orçamentários na saúde mental, ressalta a transformação do sistema de saúde brasileiro pela economia neoliberal. Enquanto os psiquiatras veem a não adesão ao tratamento medicamentoso como um problema, a antropologia destaca que as questões existenciais dos pacientes muitas vezes permanecem sem solução com o uso exclusivo de medicamentos.

A experiência dos usuários de medicamentos psicotrópicos é complexa e variada, com algumas pessoas relatando efeitos positivos e outras experienciando dilemas e falta de autonomia na decisão de tomar ou não os medicamentos. Isso evidencia a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e sensível na prática médica e na saúde mental.

6 APLICAÇÃO-PRÁTICA

Nesta etapa do projeto, nosso grupo se compromete a realizar uma ação de demanda

social, com o objetivo de ampliar o alcance do tema da medicalização do sofrimento para além do meio acadêmico e envolver ativamente a sociedade. A metodologia escolhida para a aplicação dessas ações foi determinada com base em uma análise cuidadosa das necessidades e características da comunidade-alvo, bem como dos recursos disponíveis para a execução.

Para iniciar nossa ação de demanda social, é fundamental compreender o contexto e as características da comunidade que pretendemos alcançar. Para isso, escolhemos um dos grupos que mais podem ser impactados pela medicalização do sofrimento: estudantes de ensino médio. Podemos metodizar que eles se beneficiariam de uma maior conscientização sobre o tema. Através dessa escolha, pudemos adaptar nossas estratégias de forma mais eficaz e direcionada, garantindo que nossa ação tenham o máximo de impacto possível.

Nos dirigimos à escola SESI, uma instituição de renome em Pará de Minas e em todo o estado de Minas Gerais, e por intermédio do professor Thiago Leall, conseguimos acordar com a instituição para a realização desta ação, que foi marcada na data de 23/04/2024 para ser cumprida no dia 08/05/2024. Com um público-alvo previamente estabelecido: os alunos do 1o, 2o e 3o ano do ensino médio, foi iniciada a montagem da apresentação e com um tempo estimado de 50 minutos por turma, reservamos a tarde toda para a apresentação (das 13h30min até às 17h00min).

Chegado o dia 08/05/2024 às 13h30min, demos início à ação, e para engajar os alunos de forma dinâmica e interativa, foi utilizada uma variedade de ferramentas e estratégias durante nossa ação de demanda social. Uma das principais ferramentas foi o uso do Kahoot, uma plataforma de quiz online, onde foram apresentadas 6 perguntas básicas sobre a medicalização do sofrimento, como uma forma de participação ativa dos alunos, enquanto nós os habituávamos com o tema.

Além disso, nossa apresentação foi dividida em três tópicos principais: automedicação, medicalização do sofrimento e outras alternativas além da terapia medicamentosa. Cada tópico será abordado de forma clara e objetiva, fornecendo informações relevantes e exemplos práticos para facilitar a compreensão dos alunos. Além do mais, foi reservado um tempo para tirar dúvidas e promover uma discussão aberta sobre o tema. Isso permitiu que os alunos compartilhassem suas experiências e perspectivas sobre o tema debatido.

Para avaliar o conhecimento adquirido e coletar dados para auxiliar na escrita do projeto, foi aplicado um questionário com 7 perguntas de múltipla escolha. Com perguntas focadas nos aspectos-chave relacionados à medicalização do sofrimento, permitindo uma análise mais aprofundada dos resultados e uma melhor fundamentação teórica para o projeto.

Durante o intervalo imprevisto antes da última apresentação do dia, foi ofertada pela instituição e acatada pelo grupo, a oportunidade para promover uma roda de conversa com os alunos do 1o ano. Este momento informal e personalizado proporcionou uma atmosfera mais íntima, permitindo que os alunos expressassem suas dúvidas e compartilhassem suas percepções sobre o tema da medicalização do sofrimento, bem como sobre as funções do psicólogo e os serviços acessíveis.

Além disso, através das demandas dos alunos, foi possível para fornecer uma visão mais ampla sobre o curso de psicologia, oferecendo informações detalhadas para aqueles que estavam interessados na profissão. Essa troca de experiências e conhecimentos contribuiu significativamente para enriquecer o debate e fortalecer o vínculo entre o grupo de estudantes e os facilitadores da ação de demanda social.

A receptividade dos alunos superou as expectativas. Sua participação ativa e interesse genuíno pelo tema demonstraram o impacto positivo da iniciativa de contato com eles. Conseguimos abordar de maneira ética e técnica todas as questões levantadas, deixando uma marca significativa em suas mentes. Os alunos desde o princípio foram muito participativos e comunicativos com a palestra, e demonstraram estar bastante interessados tanto no assunto quanto em nós. Conseguimos sanar de forma ética e técnica as dúvidas que nos apresentaram e tínhamos competência para discorrer sobre.

Consideramos que esse feito foi muito importante para nossa formação e para os alunos, pois levamos conhecimento e informação de forma simples e divertida, tiramos dúvidas e cumprimos nossa maior meta: deixamos uma sementinha de crítica à respeito da automedicação. Esta experiência não apenas enriqueceu nossa jornada acadêmica, mas também plantou uma semente de conscientização e reflexão sobre a importância de um uso responsável de medicamentos e de considerarem outras abordagens terapêuticas. Acreditamos firmemente no poder transformador do conhecimento transmitido de forma acessível e engajadora. Em resumo, foi uma experiência gratificante e enriquecedora para todos os envolvidos.

CONCLUSÃO

Discutir a Psicofarmacologia e a Medicalização do Sofrimento nos permitiu analisar criticamente as abordagens atuais de intervenção na saúde mental, predominantemente baseadas no tratamento farmacológico. Nosso estudo destacou as implicações da medicalização na sociedade, alertando para a tendência de transformar questões sociais e

emocionais em problemas médicos. Essa prática trata questões de sofrimento humano como disfunções biológicas que podem ser medicadas. No entanto, é fundamental não descartar o tratamento farmacológico para transtornos graves, desde que os medicamentos sejam prescritos por especialistas.

A crítica ao projeto foca no abuso e uso inadequado de medicamentos, que podem trazer consequências prejudiciais e mascarar as causas do sofrimento, diminuindo a procura por terapias alternativas, como a psicoterapia. Informar a comunidade sobre os efeitos colaterais, a possibilidade de dependência e a relevância de considerar alternativas de tratamento é essencial. No contexto educacional, discutir a medicalização pode influenciar políticas e práticas escolares, promovendo ambientes que incentivem o bem-estar emocional dos estudantes.

A psicofarmacologia examina os efeitos dos medicamentos no sistema nervoso e no comportamento, sendo crucial para o tratamento de distúrbios mentais. Estudos comprovam a eficácia de antidepressivos, antipsicóticos e ansiolíticos para distúrbios sérios. No entanto, a prescrição adequada é vital para evitar o uso exagerado, especialmente em grupos vulneráveis. A crescente dessa onda de medicalização pode resultar em dependência excessiva e desviar a atenção de outras formas de tratamento. Além disso, o estigma associado ao uso de psicofármacos ainda é um obstáculo relevante.

Esperamos que este projeto incentive as pessoas a avaliar seu comportamento em relação à automedicação excessiva e à falta de orientação adequada. É crucial distinguir entre o que é normal e o que é perigoso, buscando outras formas de lidar com o sofrimento de maneira correta, com acompanhamento multidisciplinar. Desejamos ter tido um impacto positivo, compartilhando conhecimentos sobre saúde mental e incentivando a busca pelo bem-estar de forma segura e correta.

O presente projeto também apresenta os resultados do questionário aplicado a 64 alunos da Escola SESI de Pará de Minas/MG, com o objetivo de investigar o uso de medicamentos e atitudes em relação à medicalização em saúde mental (gráficos disponíveis em Anexos). A maior parte dos participantes possui a idade de 15 ou 17 anos (88,9%) (imagem 1), com uma representação significativa do gênero feminino (74,6%) (imagem 2). Os principais resultados obtidos indicam que 25% dos alunos afirmaram estar utilizando algum tipo de medicamento (imagem 3), enquanto 60,9% relataram ter tido experiências negativas relacionadas à medicalização (imagem 4). Além disso, 26,6% dos alunos sentiram-se pressionados a tomar medicamentos para problemas que poderiam ser tratados por outras vias (imagem 5). A grande maioria (98,4%) concorda que a medicalização pode oferecer uma

solução rápida, mas nem sempre adequada para problemas de saúde mental (imagem 6). Todos os participantes concordam que o uso excessivo de medicamentos pode levar à dependência (imagem 7). Apenas uma minoria dos alunos faz acompanhamento com psicólogos (23,4%), psiquiatras (3,1%) ou ambos (7,8%), enquanto a maioria (65,6%) não possui acompanhamento profissional (imagem 8).

Os resultados apontam que grande parte dos usuários de medicação são adolescentes menores de idade, 15 anos, do gênero feminino que não fazem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico e que já passaram por alguma experiência negativa com relação à medicação, seja pessoalmente ou com alguém próximo. Esses achados sugerem a importância de promover discussões e conscientização sobre o tema da medicalização na sociedade atual. Este relatório busca fornecer uma visão abrangente dos resultados obtidos no questionário e servir como base para reflexões e ações futuras relacionadas ao uso de psicotrópicos e medicalização em saúde mental.

Em conclusão, os resultados indicam uma preocupação significativa dos alunos em relação ao uso de medicamentos para questões de saúde mental, destacando experiências negativas, preocupações com dependência e uma visão crítica em relação à prescrição excessiva. Esta experiência não apenas enriqueceu nossa jornada acadêmica, mas também plantou uma semente de conscientização e reflexão sobre a importância de um uso responsável de medicamentos. Acreditamos firmemente no poder transformador do conhecimento transmitido de forma acessível e engajadora. Em resumo, foi uma experiência gratificante e enriquecedora para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARLINI, Elisaldo Araújo; NAPPO, Solange Aparecida; GALDURÓZ, J.C.F; NOTO, Ana Regina. Drogas Psicotrópicas - o que são e como agem. Poder Judiciário de Mato Grosso. Disponível em:

http://www.tjmt.jus.br/intranet.arq/cms/grupopaginas/105/988/Drogas_psicotr%C3%B3picas_-_o_que_s%C3%A3o_e_como_agem.docx. Acesso em: 12 abr. 2024.

CASTANHOLA, M. E.; PAPA, L. P. Uso abusivo de medicamentos psicotrópicos e suas consequências. Revista Multidisciplinar em Saúde, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 16, 2021. DOI:

<https://doi.org/10.51161/remis/1028>. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/remis/article/view/1028>. Acesso em: 12 abr. 2024.

CAVALCANTE, Deisiluce Miron; CABRAL, Barbara Eleonora Bezerra. Uso de medicamentos psicotrópicos e repercussões existenciais para usuários de um CAPS II. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 22, n. 3, p. 293-304, set. 2017. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2017000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 abr. 2024.
DOI: <http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20170030>

EPSTEIN, S. Medical, um novo meio de diagnóstico social? Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 20, n. 45, p. 31-48, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/238/23819495009.pdf>

MARIANO, Thaís Oliveira; CHASIN, Alice AM. Drogas psicotrópicas e seus efeitos sobre o sistema nervoso central. Revista Acadêmica Oswaldo Cruz. Ano, v. 6, 2019.

O papel da medicação na construção do equilíbrio mental. Disponível em: <https://ufop.br/noticias/em-discussao/o-papel-da-medicacao-na-construcao-do-equilibrio-mental>

O uso indiscriminado de psicotrópicos, depressão e impactos. Disponível em: <https://academiamedica.com.br/blog/o-uso-indiscriminado-de-psicotropicos-depressao-e-impactos>

ROSE, N. Medicalização da experiência social. Revista Saúde Pública, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 327-329, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/i/2006.v40n2/>

SESC Goiás. Automedicação de psicoativos acarretam danos para a saúde mental. Publicado em setembro de 2022. Disponível em: <https://www.sescgo.com.br/post/saude/automedicacao-de-psycoativos-acarretam-danos-para-a-saude-mental> . Acesso em 12 abr. 2024.

SILVA, K. L. Medicalização da experiência social. Saúde Debate, Rio de Janeiro, v. 44, n. 126, p. 1138-1150, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/SKCGf4z84vhPQ3JFKqcMGng/>.

SILVA, K. L. Medicalização da vida cotidiana. Revista Convibra Saúde, v. 17, n. 3, p. 292-307, 2021. DOI: <https://doi.org/10.55905/revconv.17n.3-292>

ANEXOS

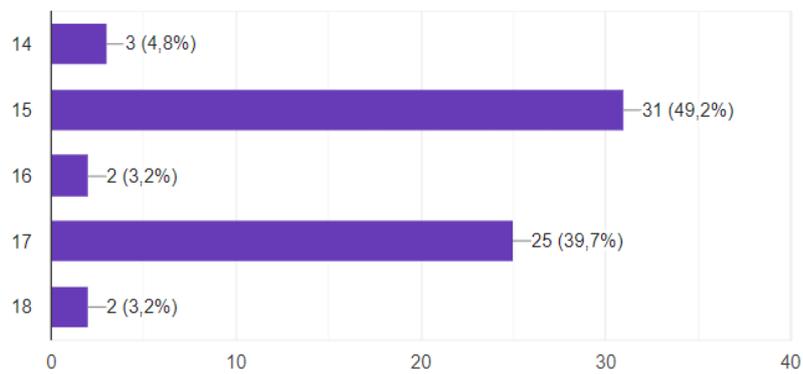
ANEXO A

Esse anexo visa disponibilizar gráficos resultados do levantamento de dados na Escola SESI Pará de Minas.

Idade

 Copiar

63 respostas

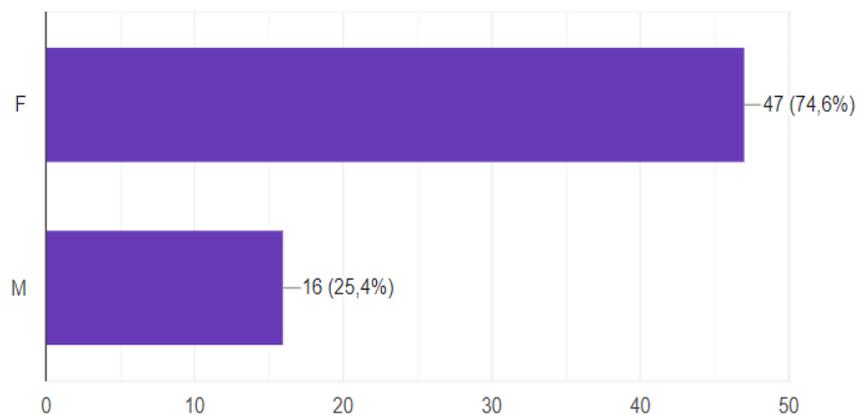


(imagem 1) gráfico referente à idade dos alunos.

Sexo

 Copiar

63 respostas

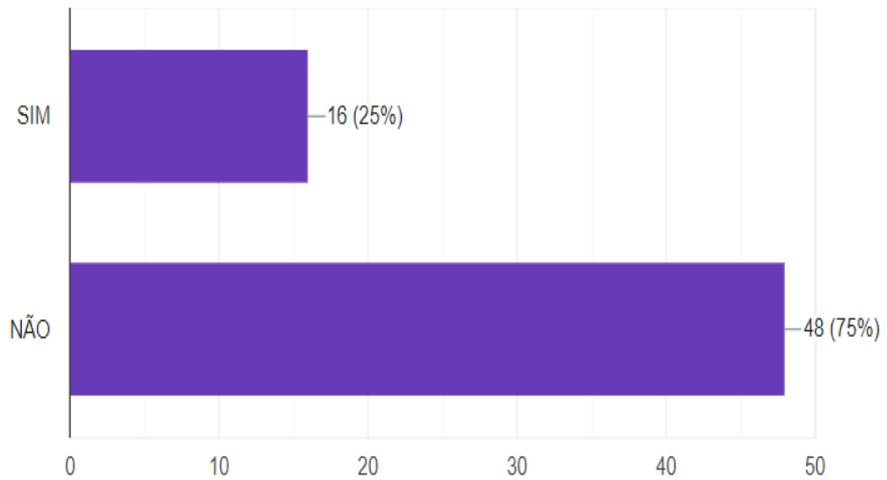


(imagem 2) gráfico referente ao gênero dos alunos.

1. Você atualmente está usando algum tipo de medicamento?



64 respostas

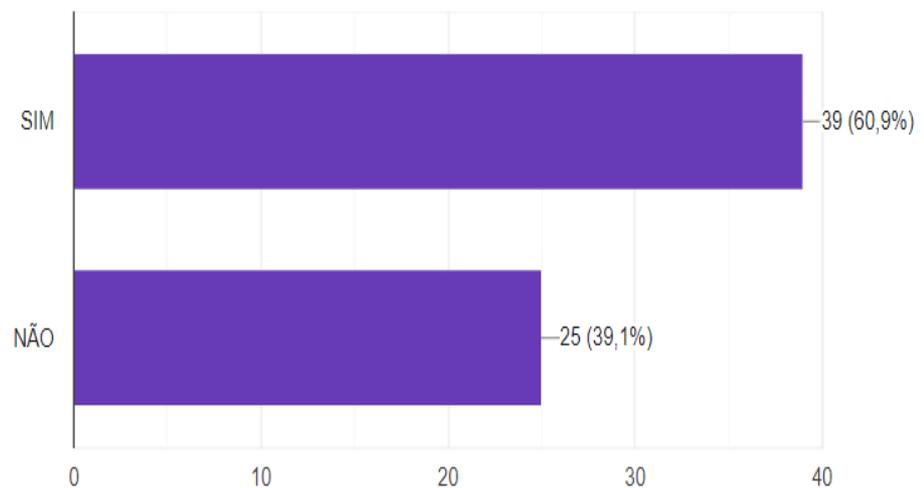


(imagem 3) referente ao uso de psicofármacos.

2. Você já teve alguma experiência negativa relacionada à medicalização, seja pessoalmente ou com alguém próximo?



64 respostas

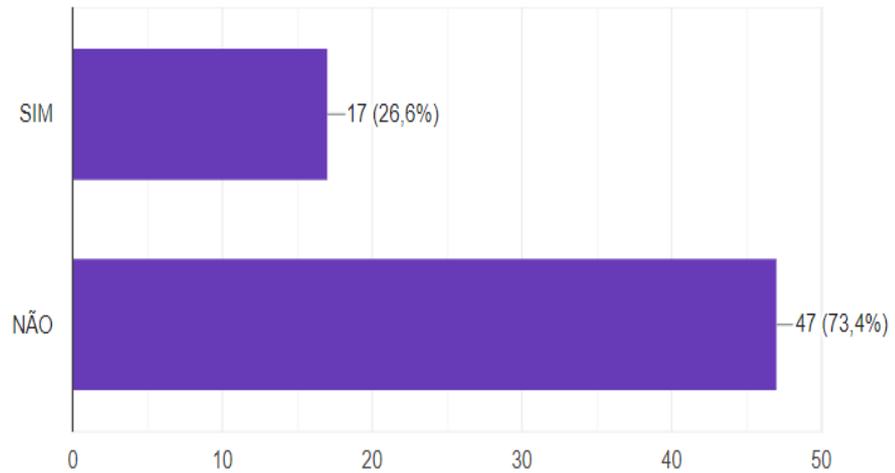


(imagem 4) referente a experiências negativas que possam ter sido vivenciadas por experiência própria ou por alguém próximo.

3. Você já se sentiu pressionado(a) a tomar medicamentos para problemas que poderiam ser tratados de outras maneiras?

 Copiar

64 respostas

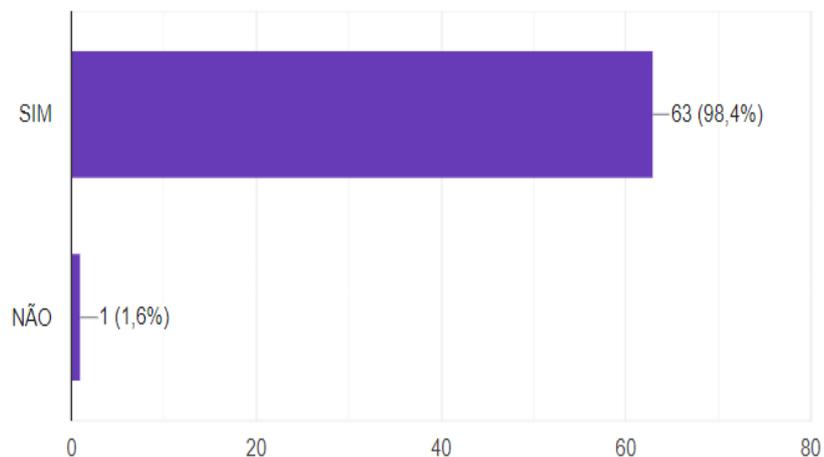


(imagem 5) referente a possibilidade de se sentir pressionado a tomar medicação sem necessidade.

4. Você concorda que a medicalização pode ser uma solução rápida, mas nem sempre a mais adequada para certos problemas de saúde mental?

 Copiar

64 respostas

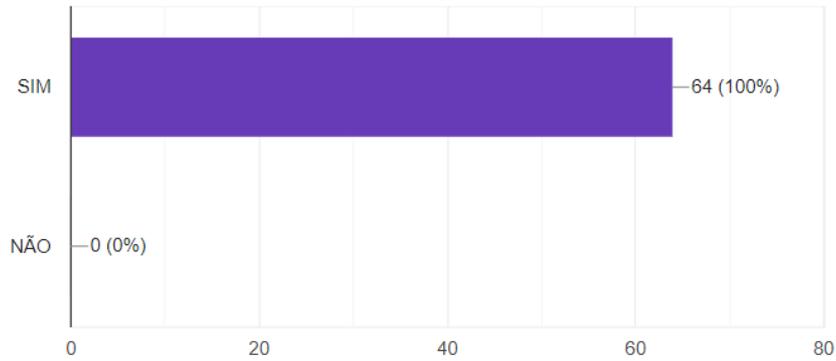


(imagem 6) referente a medicação ser uma solução rápida, mas nem sempre a mais eficaz.

5. você concorda que o uso excessivo de medicamentos pode levar à dependência por parte do usuário?

 Copiar

64 respostas

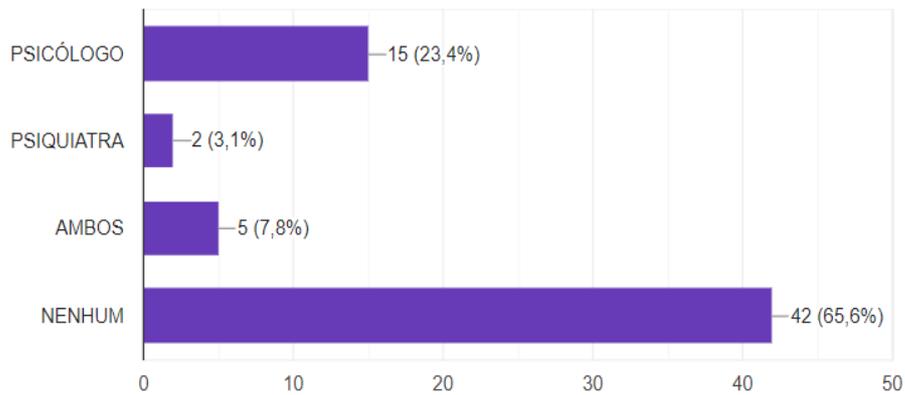


(imagem 7) referente ao uso excessivo de medicação poder ser um risco para a dependência.

7. Você faz acompanhamento com algum desses profissionais abaixo?

 Copiar

64 respostas



(imagem 8) referente ao acompanhamento com um profissional.

ANEXO B

Este anexo visa a comprovação da aplicação prática realizada na escola SESI/ Pará de Minas pelos integrantes do grupo através de imagens.







